

Editorial

As opressões são assunto recorrente no movimento estudantil já há muito tempo. São também objeto de análise da Academia, muitas vezes (infelizmente) reduzidas a fenômenos esporádicos que não exigem aprofundamento. O conservadorismo também as explora diuturnamente, tentando construir a imagem de que a desigualdade é natural e sempre fez e fará parte das sociedades humanas. Por um olhar ou por outro, são essas opressões ainda muito vivas para xs sujeitxs que as sofrem, é ainda muito necessário que discutamos as opressões para que possamos entendê-las, enfrentá-las e desconstruí-las.

É importante lembrar que enquanto nós universitários discutimos a legitimidade de cada um dos três Poderes na efetivação dos direitos sociais, há pessoas que nem sequer sabem o que é Estado nem têm acesso aos serviços públicos mais básicos. Deficientes, moradores de rua, profissionais do sexo, mulheres, LGBT*s, negrxs, indígenas, sertanejxs, assentadxs, pobres, analfabetxs, gordxs, dentre tantos outros indivíduos que compõem as chamadas “minorias”, não vivenciam o Estado e a sociedade da mesma forma que os demais. A diversidade é apontada, taxada, rotulada, marginalizada, criminalizada, odiada, reprimida.

As opressões são violências sofridas por essas minorias. Dão-se na representação estereotipada e criminalizada na mídia; na marginalização social e econômica; na negação de direitos civis; no tratamento policial diferenciado – muitas vezes violento; na criação de uma imagem negativa dessas mesmas minorias, que ao lutar por direitos IGUAIS são tratados como quem quer DE-MAIS.

As opressões operam de diferentes formas sobre diferentes pessoas. O racismo existe, mas não oprime da mesma forma o negro rico, o de classe média e o pobre. A homofobia existe, mas não oprime da mesma forma o homossexual “masculino” e o “feminino”. A transfobia existe, mas não oprime da mesma forma as pessoas trans* binárias (homens e mulheres) e as não-binárias (identidades diversas).

Por isso, tem crescido nos movimentos sociais a noção de interseccionalidade. As violências são muitas e não afetam a todxs na mesma proporção, nos mesmos lugares, com as mesmas palavras e expressões. As opressões não podem ser hierarquizadas, como se fosse possível apontar quem “sofre mais”. Discutir opressões não é discutir quem é mais oprimido e, portanto, decidir qual luta deve ser feita primeiro. A luta contra as opressões é de todxs que buscam uma sociedade livre e igualitária. Em todos os sentidos. Sempre.

A universidade tem sido palco de inúmeras opressões recentemente. Vivemos homofobia, transfobia, machismo, racismo, clasismo, gordofobia. Vemos essas minorias, que são nossos colegas de sala, de trabalho, de luta, serem oprimidas, excluídas, rotuladas e marginalizadas.

Mas a Universidade pode ser palco de transformação. Somos atores sociais em situação de privilégio: podemos produzir ciência, tocar vidas com a extensão, aumentar as fileiras de luta na política pelos movimentos sociais. O movimento estudantil por muito tempo foi reduto de bravxs companheirxs que lutaram para que as opressões acabassem. Para que nenhum de nós fizesse “piadinhas” que fizessem outrxs sofrer. Para que nenhum de nós fechasse os olhos para todas as violências que as minorias sofrem. Para que nenhum de nós entrasse no mercado de trabalho sem consciência do poder que TODOS têm de mudar o mundo – o mínimo que seja. Para que nenhum de nós perdesse a esperança.

Tornemos a Universidade um espaço igualitário e livre. Um espaço sem violências e opressões. Que o movimento estudantil agregue às lutas dos movimentos sociais. Que os estudantes conscientizem-se para que não se tornem profissionais que propagam preconceitos. Caminhemos juntos rumo ao fim das opressões e de todas as regras que nos são impostas. Ninguém é livre até que sejamos todxs livres.

-Gestão PAGU

17 DE MAIO: UM BANHEIRO E UM GRITO

Cena 1. Uma roda de amigos, gargalhadas num fim de tarde regado pela torre de Chopp. De repente, silêncio. Olhares graves ao casal de mulheres de meia-idade que calmamente passeia de mãos dadas e troca carícias tímidas. Um sinal da cruz. Sapatões. Eu tenho raiva, sinto verdadeiro nojo de sapatões.

Cena 2. Pontapés e três tiros. Um cadáver de saia e cabelos longos. Genitália arrancada. Vozes. Ouve-se o tilintar de uma máquina de escrever em um departamento policial qualquer. Nome: João. Sexo: Masculino. Alcunha: Alcione.

Estamos em maio de 2014. Félix já beijou Nico, casais homoafetivos já saem sorridentes dos cartórios e sentenças “inéditas e audaciosas” até prestam favores às pessoas trans*, dando-lhes o direito a um nome adequado, veja só quanta dignidade! Afinal, o que mais a “ditadura gay” quer?

Poucas semanas antes desta edição do Vanguarda, esse campus presenciou mais uma declaração homofóbica e corajosamente expressa (só que não) em um dos banheiros. Em dizeres chulos, o retrógrado ser usou da condição pessoal de um de nossos companheiros para humilhá-lo, especificamente por ser homossexual. No começo desse ano, outra frase em local semelhante: “morte aos gays da Unesp”.

Que me perdoem os fãs dos panos quentes, isso é discurso de ódio. Tão pesado e degradante quanto o racismo e o antissemitismo.

Sinceramente, soa como verdadeiro deboche pensar que nada mais deve ser feito ou aceitar calado violações graves à dignidade das pessoas. É bem verdade que há melhores -mérito dos anos de militância incessante do movimento LGBT por respeito e reconhecimento- mas prefiro lembrá-los que a mão que dá também tira: Enquanto nossos privilégios nos garantem facilidades e oportunidades, além-muros há uma porção de travestis, trans*, sapatões e bichas levando pedrada na cara, facada na barriga, fugindo de casa pra não morrer e apanhando da polícia. No cenário brasileiro, a realidade é diametralmente oposta à bolha na qual muitos por aqui vivem.

Em pesquisa realizada em 2008, 40% da amostra entrevistada que “a homossexualidade é uma doença que precisa ser tratada”. É desrespeitoso e preguiçoso autoproclamar-se universidade e nos retirarmos à socapa das discussões sobre gênero, os privilégios cis e heteronormativos e os ataques recorrentes aos que não perfazem o perfil cultural e majoritariamente aceito. Além disso, temos nos contentado com uma aceitação seletiva (pergunto: quantxs trans* existem na sua sala de aula?).

Eis que dezessete de maio é “Dia de Combate à Homofobia”, lembrando a retirada da homossexualidade do Catálogo Internacional de Doenças da OMS. Sem dúvida é uma data importante e bastante simbólica pra quem levanta as bandeiras da diversidade, mas o Dia da Árvore não evitou a impressão do papel que você tem em mãos. Bem mais do que figurar como dia politicamente correto, é preciso que atuemos para fazer saber quão nocivos são os padrões do patriarcado, que cultivam uma virilidade mística. Meu chamado é para que no dia 17 não nos esqueçamos das centenas de vidas interrompidas pela homo, lesbo e transfobia.

Que não seja um dia contra a homofobia, mas também contra o binarismo e a concepção hermética dos gêneros. O que a tal “ditadura gay” quer é um grito bem humano, que é uma maneira de ser escutada. Nada mais do que o simples direito de ser gente, merecer respeito, não figurar na porta de um banheiro em um comentário humilhante.

Por fim, recado ao(s) autor(es): suas palavras de baixo calão e recheadas de ódio não são sequer dignas da porta. Para vomitar sua homofobia higienista, recline-se, em silêncio, sob o vaso sanitário.

-Lucas Poianas (“Abusado”, XXVII Turma de Direito)

FUTEBOL NOS ANOS DE CHUMBO

Enquanto os barbudos da Sierra Maestra cativavam seguidores, principalmente jovens com o “despertar do povo da América”, um pavor de uma nova Cuba e discussões sobre legitimidade percorriam o Brasil. O próprio presidente Lyndon Johnson tornou pública sua preocupação. Fecharam-se as portas da democracia e “às favas, Sr. Presidente, neste momento, todos os escrúpulos de consciência”.

O futebol também sofreu suas interferências, sentidas até hoje com a renomeação do edifício da CBF para José Maria Marin, com endereço à Av. Luiz Carlos Prestes, 130. A maior paixão nacional não podia estar invisível aos olhos do governo, e como lecionou o Estado Novo varguista, era única a oportunidade de transformar o futebol a maior propaganda do regime.

Em 1966, a expectativa em cima da seleção nacional era grande, mas a mesma se transforma em inúmeros títeres, num modelo *sui generis*, em que são selecionadas quatro equipes (verde, amarela, azul e branca). Numa esfera, a preocupação em preparar uma equipe qualificada, em outra, fazer dela um instrumento de propaganda. E em três meses, as quatro equipes rodam o país se apresentando, num itinerário pré-definido pelo governo e CBD, percorrendo capitais e cidades estratégicas do interior.

Como treinador, João Saldanha, ex-militante do PCB e que cursou a Escola de Quadros da URSS em 53/55 e à época membro do Centro Brasil Democrático, organização de fachada do partido comunista. Contudo, suspeito, o mesmo gozava de grande popularidade e sua autonomia passara a ser contestada nas vésperas da Copa de 1970. Quem assume? Zagallo, técnico do Botafogo que treinava diariamente na Escola de Educação Física do Exército. E os símbolos nacionais, incorporados pelo indomável regime, adquire mais uma força, a Copa de 70, o primeiro mundial transmitido em cores. As cores que infelizmente não transmitiram as masmorras e os subterrâneos de repressão no Brasil.

A comissão técnica passa a sofrer mais influência, construindo-se um aparato de segurança nacional e tecnocracia, num reflexo de ordem e progresso. Planejamento meticuloso que não abriu mão de mecanismos de fiscalização, controle e repressão. Na chefia da segurança é nomeado o Major Roberto Guarany, como reflexo das estratégias de infiltração que demonstravam vitória sobre a subversão. Major Guarany era um dos dois responsáveis pela execução do Caso Para-Sar, ou atentado do gasômetro, no Rio de Janeiro (seu companheiro, o capitão Sérgio Macaco ficou para a história como o homem que disse não).

A relação futebol e ditadura não parava por aí, com grande influência no Sul do país, o delegado do DOPS, Pedro Seelig, fazia o trânsito entre o esporte e a repressão, sendo comparado nos pampas a Sérgio Fleury e Coronel Brilhante Ustra. Nas palavras de Lúcio de Castro, “a memória deve ser recuperada e os arquivos abertos, para que enfim se possa pavimentar à estrada que leva ao nunca, nunca mais...”

—Guilherme C. Moraes (Baguá, XXVIII turma Direito)
Outros textos em liriosdoesporte.blogspot.com.br

Crônica de uma refeição acadêmica

Se a vida intelectual eleva o espírito, mesmo os mais elevados espíritos também costumam precisar de alimento, pois se está correta a máxima bíblica de que nem só de pão vive o homem, o contrário é igualmente verdadeiro, e disso a realidade é prova bastante conclusiva. Já há algum tempo vivendo em um ambiente dedicado à elevação intelectual do homem, tenho podido comprovar a veracidade dessa humilde hipótese.

Nesse agradável e bucólico campus universitário de onde escrevo essas breves impressões, a alimentação é parte imprescindível da rotina acadêmica, talvez, para muitos, a hora mais divertida e esperada, conforme nos prova outra célebre máxima, dessa vez da canção popular, de que “a hora do lanche é a hora mais feliz”.

Como convém aos intelectuais, o dia começa sempre muito cedo, algo em torno das oito da manhã, com alguma possibilidade de atraso, é claro. De todo modo, os caros colegas de universidade tão logo adentram o nobre recinto do saber, põem-se em intenso labor mental e, ressalvado o breve interlúdio para um café e um cigarro, o trabalho segue extenuante. Por volta da hora do almoço, estão exaustos e famintos. E é exatamente nesse momento (onze da manhã) que a rotina acadêmica vive seu momento mais eufórico e festivo. Passeando pelos corredores, é possível notar com facilidade certo frenesi, certa expectativa, que se anuncia antes mesmo do fim das aulas. Pensaria eu, não estivesse habituado ao ambiente, tratar-se de comentários sobre alguma prova ou, ainda, da presença de algum renomado e douto professor visitante. A bem da verdade, todos só falam do almoço.

Nosso amavioso campus, com sua fantástica estrutura, não nos deixa desamparados nesse aspecto, é claro, oferecendo aos seus queridos e estimados alunos um maravilhoso restaurante, estrategicamente posicionado ao lado da biblioteca. Há quem diga que esta é a margem mais agradável da geografia local, um complexo que nos fornece, de um lado, o alimento do saber e do outro, o alimento do corpo.

As refeições são servidas a partir das onze horas e, já meia hora antes da abertura, é possível encontrar jovens esperando ansiosos na porta para fazerem suas reservas na bilheteria, afinal, ninguém quer ficar de fora. Dizem por aí que é o restaurante mais concorrido por essas bandas do Estado. Compadecida e fragilizada com a dificultosa vida financeira dos alunos, a universidade oferece-nos todo esse luxo pelo módico valor de alguns tostões, mais a título de contribuição do que propriamente pagamento.

O restaurante conta ainda com uma moderníssima infra-estrutura que inclui mesas confortáveis e espaçosas e, para as refeições, bandejas do mais puro aço marroquino, que oferecem, além dos espaços adequados para uma refeição equilibrada (seguida, rigidamente, sobretudo, com relação à mistura), um agradável tilintar de que resulta em uma aconchegante e sonora harmonia de música ambiente. Além disso, o RU (como é conhecido entre os frequentadores), também é ecologia. Preocupados com a sustentabilidade, aboliram as taças, e desde então os alunos portam seus próprios copos e canecas, trazidos de casa e devidamente higienizados antes das refeições. Mais que uma preocupação ambiental, tal medida representou um grande incentivo à partilha, pois aqueles que levam jarras acabam por dividir sua bebida com os “sem-caneca”.

As refeições são preparadas com muito carinho, produtos frescos e muito bem selecionados. O cardápio é programado com antecedência, para melhor atender às necessidades nutricionais de um público tão seletivo, assim, ninguém pode alegar ter sido pego de surpresa por um delicioso picadinho de carne em plena quinta-feira. As refeições oferecidas seguem os mais rígidos padrões internacionais de qualidade, já que o agradável bistrô conta com um corpo de funcionários, que inclui prestigiados *chefs* da alta gastronomia de improviso e nutricionistas especializados em dietas para intelectuais. Atentos às mais recentes descobertas, o restaurante oferece o que há de melhor em matéria de alimentação, com um incansável esforço por atualizações. Tudo, como já dissemos, visando ao melhor rendimento acadêmico dos alunos.

—Gabriel Frias Araújo (XXVII Turma de Direito)

(Este texto continua na Página do VANGUARDA no Fb)

Material do Aluno

Toque

Minha mão sobre a dele.
 Eu nele,
 Ele em mim.
 Meu corpo sobre ele,
 meu arfar sobre ele.
 Eu nela,
 ela em mim.
 Nossos dedos a se enlaçar,
 nossos corpos a vibrar.
 Eu nele,
 Ele, dentro de mim,
 para sempre
 naquele momento,
 eternamente.

-Marcela H. P. Pinca (Kiss, XXX turma, Direito)

Monologo Dialético

Olhos tranquilos
 misterioso mistério
 diz calado
 sorria

d
 e
 v
 a
 g
 a
 r.

Vem e esvazia
 colore
 coloria
 dolorida
 dor
 de te querer.

-Mariana Moretti (Tite, XXIX turma, Direito)

VIDA

Eu vejo assim:
 Um mundo torto, torpe, tornado
 no antinatural, no dito como normal,
 num sorriso morto de um rosto desfigurado, enfadado
 à sua própria ruína - da natureza, a chacina.
 Eu ouço um grito surdo
 de um protesto apático.
 E vejo-o caminhando em um sonho chagático.
 E numa propaganda "galática", prática
 o homem apátrico despiu sua face.
 E o lobo já não devora o homem,
 mas mutila-se enganado pela própria dor.
 E a cor já não tinge seus olhos negros que,
 tomados pelo terror, repetem antigos erros.
 Pois o medo dita a ferocidade
 de uma garra desgarrada de suas próprias convicções,
 e se voltam as atenções à velocidade
 com a qual destroça suas próprias paixões.
 Ah, fome! FOME!
 O estômago derrete a si próprio,
 corroendo as vísceras, o âmago do homem,
 até que vê na morte um novo ópio.
 Ah, peste! PESTE!
 Agora a pele é desagregada
 e já não sente o toque de uma nova chegada,
 nem a ternura de uma terra abafada, acabada.
 Ah, guerra! GUERRA!
 Olhares se cruzam cortando-se mutuamente.
 E o fio de corte é o ódio que inutilmente
 tenta aplacar a miséria, a falta de sorte.
 Ah, morte! MORTE!
 Seja forte, homem!
 Grite pelos ares, honre seu porte, seu nome
 e construa seu próprio forte.
 Enfim, eu canto um mundo novo, um mundo bom.
 Onde a vida é exultante, exuberante
 e onde homens errantes
 não cometem suicídio.
 Onde homem é homem e não hominídeo.
 Onde alma é essência e não potência.
 Onde o coração não é carência, mas coerência
 com o sabor que já não se sente - o amor.

-Adolfo Mariano (XXXI Turma, Direito)



**PREÇOS
 ESPECIAIS PARA
 UNESPIANOS!**

Batata Frita (porção) R\$8,99

Skol (600ml) R\$3,99

Brahma (600ml) R\$3,99

Antarctica (600ml) R\$2,99

Subzero (600ml) R\$2,50

Av. Eufrásia M. Petraglia, 1265
 (Antigo Redondo)

Material do Aluno

Construindo o Universo

Da Sacada do apartamento, admiro o firmamento
 Estrelas, universo de possibilidades, luzes errantes,
 Vejo tempos passados, realidade intangível aos andantes,

 No Horizonte, artificial firmamento
 Poste, lojas, lares, microcosmo humano,
 universo de escolhas, seladas pelo cimento
 escolher não por casta, sim por discernimento,
 Dádiva de ser humano.

—Tiago F. Carvalho (Jequiti, XXX turma, Direito)

Qual é o seu nome?

Queria as certezas
 perfeitas, completas, inteiras
 Não titubeteiam, só permanecem
 felizes, tem inclusive chão, casa, tudo.

Como compreendem o não existir?
 O erro?
 O incerto?

Como podem afirmar-se tão sólidas
 sem sorrir envergonhadas,
 pensando que
 elas talvez não sejam certas, certezas
 incertas?

Onde escondem seu medo?
 E sua metamorfose?
 Estarão elas completas? Perfeitas? Inteiras?

Sinceras?

-Mariana Moretti (Tite, XXIX Turma, Direito)



ATENÇÃO

Devido ao espaço na versão impressa, alguns textos tiveram partes cortadas ou alteradas, porém suas íntegras se encontram na página de Facebook do Vanguarda.

AUTO ESCOLA
METR **PARE** **POLE**

12x
 no cartão

Aulas práticas
 nas categorias
A, B, C, D e E

Av. Chico Júlio, 3246 - Franca
 (16)37243574 / (16) 993755505

DIGA NÃO AO PRESÍDIO

Em tempos difíceis, nos quais impera a barbárie e a violência, nada melhor que a construção de presídios. Lugar no qual poderíamos entulhar os cidadãos indesejados, tornando-os esquecidos, como a sujeira debaixo do tapete.

Solução óbvia, afinal, o que desejamos é que cada vez mais se prenda mais e por mais tempo. Penas de 10, 15 anos? nem pensar, o bom é que passem o resto da vida na cadeia. Idade para prender? Quanto mais cedo melhor e melhor seria se si prendesse no berço. Mas não no berço de casas de alvenaria, construídas ao fino traço dos arquitetos, mas sim nas casas de pau-a-pique e barracos, prender aqueles a que o Trypanossoma Cruzis poupar da chagas.

Outra opção plausível é o genocídio, afinal de contas o bandido bom é aquele que está morto ou preso. Mesmo já sabendo de notícias telegrafadas pelo Tio Sam de que esta prática não possui muitos resultados positivos, é razoável que defendamos essa ideia, afinal abaixo do equador pode ser que o resultado seja diferente. Mas não defendemos que essa pena capital seja aplicada a qualquer bandido, somente a aqueles que comentem crimes violentos, afinal esses, mesmo lidando com o risco de vida todos os dias, ainda vão temer a morte vinda da mão do Estado. Aos bandidos que roubam galinhas, fica ajustado que percam apenas um dos olhos.

Grades ou corredor da morte, quem arcaram com o custo? Não é justo que a sociedade de bem, os homens bons, pague para prender ou para executar essa escória da sociedade.

Na pequena cidade de Santa Cruz da Conceição, interior paulista, existe um projeto de construção de presídio, nas imediações, menos de 5 km, há a cidade de Pirassununga, cidade correta, composto em sua população em grande parte por Militares, cidade conservadora, onde vagabundo não se cria, afinal, há vários Majores Vidigais. Contudo, Pirassununga lança um apelo, "Diga não ao Presídio". Contradição imensa, afinal a mesma sociedade que anseia mandar todos para o xilindró, assume a postura contra um presídio em suas proximidades, pois este geraria um grande ônus econômico-social. Estaria, portanto essa comunidade assumindo que o encarceramento gera mais prejuízo que benefício? Ou apenas dizendo que prender é bom, apenas que outros sejam vizinhos da cadeia, não eu!

--Tiago F. Carvalho (Jequiti XXX turma Direito)

MOVIMENTO ESTUDANTIL: QUADRO GERAL

É inapropriado tratar de problemas dos quais desconhecemos a origem. Não há de se tratar da questão da permanência estudantil, terceirização de funcionários e o atual estado de nosso sistema educacional sem considerarmos uma visão panorâmica da paisagem social. Seria possível reduzir os três problemas acima citados a uma só razão? Seria ela a omissão do Estado perante as atividades a ele incumbidas? E quais funções são essas, qual é o papel interpretado pelo Estado no campo social? Contemplando essa problemática, não foi descabida a discussão acerca do projeto neoliberal de educação no último CEEUF chamado, realizado na cidade de Ilha Solteira, que, apesar de ter sido deliberado que seria uma Plenária dos Estudantes da Unesp, debateu os assuntos com a mesma seriedade de um Conselho.

Considerando esse panorama geral e a realidade local, fica nítido o processo de precarização ao qual nossa universidade está, cada vez mais, submetida. Em uma tentativa de se contrapor a isso, foi construída a greve de 2013, que abrangeu diversos campi e envolveu os três setores da universidade (estudantes, servidores técnico-administrativos e professores). A questão da permanência estudantil, principal reivindicação dos estudantes, conseguiu então, um avanço histórico: a criação da Comissão Permanente de Permanência Estudantil (CPPE), órgão paritário (com igual poder decisório entre os três setores), vinculado diretamente à reitoria e que permite que as questões referentes ao assunto sejam tratadas de maneira específica e não mais juntamente aos assuntos da Pró-reitoria de Extensão (PROEX), como ocorria até então.

Por ser uma criação recente, as diretrizes da CPPE e de seu poder de atuação ainda estão sendo traçadas. Um importante passo nessa direção está sendo a elaboração de um documento resolutivo com as normas gerais da permanência estudantil na UNESP. Esse documento abrange desde moradias estudantis e auxílios socioeconômicos, Auxílio Permanência (ex-Bolsa BAAE I), Auxílio Aluguel, Alimentação e Transporte, a restaurantes universitários. Um pré-documento, a chamada Minuta de Permanência Estudantil, foi elaborado e vem sendo divulgado em todos os campi da UNESP com o intuito de que alterações a este documento sejam propostas e levadas à CPPE.

A principal preocupação em relação a esse documento é de que, quando aprovado, carregue consigo as reivindicações dos estudantes, principais interessados e afetados pelas políticas de permanência, e diretrizes que sejam o mais democrático e inclusivo possível, afastando a meritocracia e iniciativas neoliberais que pairam sobre o projeto de universidade pública que vem sendo implementado pelo governo do estado de São Paulo.

O descaso com quem estuda e trabalha na universidade, em prol de resultados econômicos, parcerias com o setor privado e rankings internacionais, é exatamente o que empurra a qualidade do ensino, principalmente dos cursos de humanas, para baixo. É o que impede a contratação de funcionários para a biblioteca e para o RU, a construção de moradias estudantis e a distribuição de bolsas de auxílio. Mas também é o que impede a contratação de novos professores, a renovação da quadra e a projeção de um bloco de aulas com paredes de verdade.

Para que as lutas dos estudantes vinguem, no entanto, é necessário organização que supra o caráter provisório do nosso Diretório Central. É necessário que os discentes se informem e debatam entre si as questões que, ao contrário do que possa parecer, afetam a todos. Participar de reuniões como o CEEUF dá a oportunidade de, não apenas enxergar a realidade dos outros campi, mas de se tornar agente da mudança da nossa universidade.

-Andréas Paiva, Caio Saeki, Laís Ribeiro, Karina Lima
(Gestão Pagu)

Envie seu texto, crítica,
poema ou charge para o
VANGUARDA

E-mail: direitounesp@gmail.com
[Facebook.com/vanguardaunesp](https://www.facebook.com/vanguardaunesp)
[Facebook.com/direitounesp](https://www.facebook.com/direitounesp)

Boletim de Política Interna e Qualidade de ensino

Caras alunas e caros alunos, o problema de Processo Civil não atingiu somente a XXIX turma como vem sendo demonstrado nos últimos boletins, é uma questão que se arrasta há anos e vem prejudicando a qualidade do ensino de muitas turmas. A negligência do Departamento em tratar o assunto junto a posturas de agravamento da situação são fatos que formam esse quadro calamitoso no curso.

Os discentes rotineiramente levam as reclamações ao Departamento e muitas vezes nenhuma medida é tomada, é dito que não há nada que se possa fazer e com isso o problema vai se perpetuando. Na tentativa de tapar uma buraco, abre-se outro muito maior e assim por diante. Por exemplo, a XXVIII turma teve um conflito com o Prof. Alexandre Alliprandino da mesma matéria, foi relatada toda a situação e pedido que o docente não tivesse seu contrato renovado. No entanto, com alheamento, o Departamento insistiu em prorrogar tal contrato por mais 6 meses. O resultado foi que a XXIX turma passou pelos mesmos problemas e nada foi feito. As reclamações de nada serviram.

A impressão é que quando os discentes levam questionamentos, conflitos e denunciam casos como esses, não há um interesse em solucionar. É como se a representação discente vivesse pedindo favores. Contudo, Processo Civil é uma matéria que está na grade, é obrigatória e muito importante na formação do profissional de Direito. Ou seja, é um direito dos discentes tê-las ministradas com qualidade. Mas nem isso se tem conseguido, vide semestres que não são fechados por falta de docente.

É de suma importante que os discentes não desanimem e continuem a luta por seus direitos para que se possa assegurar que casos como esses não se repitam e assim construir um curso de qualidade.

Cordialmente,

Jéssica de Lima e Maria Helena Galhani
coordenadoras de Política Interna e Qualidade de Ensino - Gestão Pagu

Notícias do DDPb	Notícias do Conselho de Curso	Notícias do DDPv
<p>-Foi realizada reunião departamental no dia 14 de Maio para verificação e aprovação dos estágios e afastamentos dos docentes.</p> <p>Maiores informações procure uma das coordenadoras de Política Interna e Qualidade de Ensino.</p>	<p>- Não houve reunião no mês de Maio por ausência de pautas relevantes.</p>	<p>-- Foi lançado o edital para contratação de docente em RDIDP para o conjunto de disciplinas de Direito Empresarial I a V. As inscrições irão até o dia 23 de Junho de 2014. O CADir já está divulgando o edital para que haja maior número de inscritos contribuindo assim para a qualidade do ensino do nosso curso.</p>

Quanto ao Problema de Processo Civil

- Em reunião do Conselho de Curso de Direito, foi informado pelo Prof. Alfredo que o Prof. André Valim Vieira, substituto de Processo Civil, havia pedido rescisão do contrato. Sob alegação de problemas pessoais ligados junto a “ indisposição” com a XXIX turma, o professor em questão se desligou da instituição deixando a XXX turma e as reposições de aulas para a XXIX que ele próprio não compareceu para lecionar no ano de 2013.

- Na tentativa de “solucionar” o problema dessas turmas, o Prof. Alfredo indicou que a XXX turma tivesse aulas com o Prof. Vinícius Ormelesi (substituto) e propôs que a XXIX turma terminasse as 5 aulas restantes de reposição (sendo que não foram contadas as aulas que os alunos perderam por falta do Prof. André) com professores da casa. O Departamento de Direito Privado se responsabilizaria por montar um eixo que atendesse tal demanda.

- No entanto, foi levantado, pela Representação Discente presente, que talvez fosse melhor trancar esse semestre que se arrasta desde de 2013 para que fosse cumprido decentemente em um outro momento, após realização de novo concurso para professor substituto de Processo Civil.

- A questão foi levada para que os discentes da XXIX turma decidissem entre as opções e por votação com 5 votos de diferença, venceu a proposta do Prof. Alfredo. Os alunos decidiram encerrar o semestre o quanto antes.

- O eixo, montado pelo Departamento de Direito Privado, já foi divulgado para a XXIX turma. Com a ressalva que já houve falta de um dos docentes escalados para a reposição.